

Seminário de História Religiosa Moderna
4ª Sessão – 15 Junho de 2010 – 17.00h

1. **Comunicação:** – **O clero regular em África** por Manuel Lobato – Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.
2. **Presenças:** 17
3. **Introdução:** José Pedro Paiva deu as boas-vindas, apresentou o palestrante da sessão e fez o enquadramento da temática a ser tratada. Lembrou a importância de conhecer o corpo de evangelizadores que contribuíram para a configuração do império português. Centrando-se o objecto da sessão no espaço africano importava caracterizar os agentes que para lá partiram e as razões que estiveram subjacentes a tais deslocações. A estruturação do cristianismo local foi lenta e deu-se de forma desigual no referente às estruturas diocesanas, por sinal tardias, e as estruturas das ordens regulares e, um pouco mais tarde, pelo congreganismo missionário. Importava também dar a conhecer a distribuição geográfica do clero inicial, as razões das suas opções, como se instalaram, como viviam e se, no decurso da sua acção evangelizadora, teriam exercido atracção sobre as populações das áreas da sua inserção. A precariedade dessa frente de acção exigiu, certamente, apoios e patrocínios. Importaria especificar a variedade e a procedência dos mesmos. Outra área a merecer atenção centra-se sobre a procedência sociológica de parte dos agentes religiosos que partiram para o continente africano; e, decorrente disso, faria todo o sentido indagar das razões de quem emprendia viagem e das motivações que os teriam levado a assumir essa frente de apostolado como prioritário no início da evangelização. É certo que para esses agentes tratava-se de um mundo desconhecido: que tipo de preparação tiveram para assumir funções totalmente diferentes das que na Europa estavam habituados a fazer. E já no terreno, em contacto com membros de outras ordens, como, efectivamente, se relacionaram?
4. **Texto da comunicação:** A ser publicado no *site* habitual.
5. **Bibliografia:** Não houve a apresentação de bibliografia sobre a temática da sessão.
6. **Intervenções livres:** Abriu-se de seguida o habitual espaço para debate, durante o qual entrevistaram David Sampaio Barbosa, José Pedro Paiva, Aldair Rodrigues, António Matos Ferreira e Carlos Almeida, que colocaram um amplo conjunto de questões, suscitaram esclarecimentos variados e introduziram tópicos a merecer apreciação. Procurou-se saber do empenho manifestado por Roma relativamente à missiões dos séculos XV e XVI. A desinformação e as prioridades que então se conferia à organização do Estado pontifício e à resolução da dissidência religiosa verificada na Europa central parecem ter condicionado o empenho romano na missiões dos “novos” mundos. A delegação nas coroas ibéricas foi o expediente possível para atender ao que de novo estava a ocorrer em África, América e continente asiático? Questionou-se se a presença do cristianismo em África se deu de forma diferenciada nos distintos e imensos territórios de presença cristã e se em alguma circunstância a chegada de evangelizadores das ordens precedeu a afirmação da presença do poder secular nos territórios. Estimulou-se a análise das razões que

poderiam ter motivado o maior sucesso da aceitação do islamismo por parte das populações autóctones em algumas zonas em detrimento da presença cristã. De igual modo se mostrou interesse em saber das razões justificativas do aparente maior sucesso de certas ordens em determinadas áreas (nomeadamente os dominicanos em Moçambique, conforme sublinhado durante a conferência pelo palestrante) e da dimensão da implantação da igreja secular. Sabendo-se da existência de mobilidade de missionários dentro da mesma ordem e que alguns transitaram da América para a África, propôs-se uma análise das pedagogias e métodos utilizados na missionação, sobretudo avaliando até que ponto elas reflectiam anteriores experiências de missão em territórios díspares do império e com tradições, culturais, religiosas, sociais, linguísticas, diversas? Tendo-se constatado a presença contínua de missionários regulares em África, desde o século XV até ao presente, pretendeu-se que o conferencista convidado discorresse sobre o que considerasse serem as mais vincadas diferenças existentes entre a situação que se verificou na África Ocidental e na Oriental (onde a proximidade com o Oriente eventualmente obriga a considerar esta influência). Propôs-se ainda para a reflexão pensar até que ponto é justo afirmar-se que o sucesso da missionação constituiu um sucesso do império e vice-versa, inquirindo-se também o que é que o cristianismo acrescentou, se é que acrescentou, alguma coisa às religiosidades nativas pré-existentes. Veio ainda a debate a questão da “acomodação” das estratégias e dos agentes europeus na missão, a qual teria sido uma constante, variando de pessoa para pessoa e de ordem para ordem. A assimilação desse processo acomodatório terá calado fundo em muitas populações o que se reflectiu na aceitação, de forma desigual, de agentes evangelizadores que não seguissem tradições ancestralmente cultivadas por levas de evangelizadores que já tinham marcado terreno e populações. Invocou-se ainda a necessidade de articular o esforço de missionação portuguesa com a acção da Propaganda Fide, a partir do século XVII, realçando-se, neste âmbito, o papel desempenhado pelos capuchinhos e das vinculações que estabeleceram com os jesuítas já instalados precocemente em algumas áreas.